

EXALTAÇÃO À DIVERSIDADE

Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

O JÚRI DO 30º FESTIVAL DE BRASÍLIA RESOLVEU PRIVILEGIAR “COMIGUAL IMPORTÂNCIA” A RENOVAÇÃO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E A NARRATIVA CLÁSSICA TRADICIONAL E, PELA SEGUNDA VEZ NA HISTÓRIA DO FESTIVAL, DIVIDIU O CANDANGO DE MELHOR FILME EM 35MM ENTRE *ANAHY DE LAS MISIONES* (DE SÉRGIO SILVA) E *MIRAMAR* (DE JÚLIO BRESSANE).

A primeira decisão de dividir o mais importante prêmio da categoria foi em 1988, quando *O Mentiroso* (de Werner Schünemann) e *Memória Viva* (de Octávio Bezeraa) receberam o troféu de melhor filme.

A explicação do empate veio logo depois da entrega dos prêmios, quando a atriz Maria Zilda — uma das apresentadoras da noite — leu uma nota do júri endereçada à platéia de convidados que assistia à premiação.

A nota identificava os dois filmes como resultantes dos caminhos seguidos pelo cinema nacional e representantes de expressões cinematográficas bem distintas. “A tendência em Brasília é política e uma coisa ficou clara para nós: trazíamos a divisão da platéia”, justificou Ítala Nandi ao **Correio Dois**, integrante do júri que premiou os filmes em 35mm, em seguida à entrega dos Candangos.

Ítala explicou que não se pode negar a existência de uma linguagem emergente. “É isso está em *Miramar*”, identifica a atriz. Por outro lado, ela aponta também uma necessidade de reafirmação de produções claras e diretas. “Precisamos fortalecer filmes-sínteses, mas de conteúdo, que não sejam o *déjà vu*.

Fotos: Jorge Cardoso



Sérgio Silva, de *Anahy de las Misiones*, e Júlio Bressane (D), de *Miramar*, dividiram o prêmio de melhor filme; Marcos Palmeira (E) foi eleito o melhor ator

Não é necessário ser prostituto da mídia, achando que os elementos globais trazem público”, continuou.

Segundo ela, a decisão quanto aos prêmios de melhor ator, diretor e filme foi unânime, assim como a escolha dos dois longas da noite. “Quando um de nós deu essa fórmula, aplaudimos aliviados”, lembrou. A atriz gaúcha acredita que premiar *Anahy de las Misiones* foi uma forma de valorizar o pólo de cinema no Rio Grande do Sul. “Eles compareceram com dois longas e um curta, isso é importante para conhecermos o Brasil”, concluiu.

O júri assistiu aos últimos filmes da mostra competitiva — exibidos ao público no sábado — na sexta-feira. No dia seguinte se reuniu para decidir as premiações. Das 15h até meia-noite a comissão formada por sete pessoas escolheu os vencedores do festival.

Miramar e *Anahy* estiveram tam-

bém entre os mais premiados do 30º Festival. Marcos Palmeira levou melhor ator como Solano (em *Anahy*), junto com Ernesto Piccolo (de *Como Ser Solteiro*), Dira Paes ficou com o prêmio de melhor atriz coadjuvante e Araci Esteves, a *Anahy*, melhor atriz.

“Foi difícil fazer um gaúcho. Mas Solano é um homem que luta contra a adversidade e, por isso, poderia ser de qualquer lugar”, considerou Marcos Palmeira. “É um filme que tem um lado regional e um lado universal. Eu tinha certo receio por causa da linguagem, mas no dia 28 (data da exibição do filme em Brasília) tive a primeira premiação, que foi a reação do público”, completou o diretor Sérgio Silva.

O filme gaúcho recebeu ainda a premiação de melhor roteiro, enquanto o incompreendido *Miramar* saiu com melhor diretor e trilha sono-

ra. A reação de Júlio Bressane não podia ser outra: todas as vezes que subiu ao palco não conseguiu proferir mais que um seco “muito obrigado”.

O Candango de melhor curta em 35mm ficou com o brasiliense José Eduardo Belmonte e seu *5 Filmes Estrangeiros*. “Não esperava nunca esse prêmio, é um filme tão despretenso”, comentou o diretor. O cineasta pernambucano Lúcio Ferreira (do longa *Baile Defumado*, vencedor do ano passado) viu o filme de Belmonte como uma ousadia. “Foi o que pesou: além da proposta cinematográfica, tem um ritmo alucinante”, confirmou.

5 Filmes Estrangeiros foi o único curta em 35mm de Brasília selecionado para a mostra. “A qualidade dos filmes estava muito boa, diversificada, foi difícil escolher”, confessou Lúcio.

O curta de Belmonte ficou ainda com o prêmio da Câmara Legislativa

para melhor curta-metragem local e o Candango de melhor montagem, para Paulo Sacramento.

A premiação dos filmes em formato 16mm garantiu uma menção honrosa ao filme brasiliense *Antes do Fim* (René Sampaio) e ao gaúcho *Continuidade* (Rodrigo Portela, Márcio Schoenardie e Daniel Merel). Eles subiram ao palco do Cine Brasília antes de iniciar a entrega dos prêmios para os filmes em 35mm.

A atriz e produtora Malu Moraes, presidente do júri em 16mm, contou que os sete jurados decidiram tudo com muita tranquilidade. Eles assistiam e discutiam os filmes diariamente, em seguida à exibição na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional. “Os meninos estavam começando e eram filmes bem acabados”, reforçou Malu, no final da premiação.